

RODA DE CONVERSA

TEMA: MÚSICA CENA CONTEMPORÂNEA

Participantes: Maurício Toco, Márcia Mah, Joaquim Moreno, Zeca Colares e Carlos Madia

Texto resumido por Jorge Antunes

Sorocaba, 13 de outubro de 2015.

Música Cena Contemporânea

Pêu: Em 2000 a cena de música (Rock Independente) não era unida. Todos brigavam para ter espaço. Hoje é diferente. Os artistas estão mais unidos. Em 2010 nasce o Rasgada vindo do projeto Guerrilha Gerador. Projeto que utilizava dois geradores de energia elétrica pra dar condições para as bandas tocarem nas praças (sem autorização). A partir daí os artistas passaram a ver o potencial da colaboração.

Nessa época Sorocaba não tinha espaços para shows de música independente e não tinha apoio da Secult. Sorocaba teve um avanço grande tanto em políticas públicas quanto em organização e abertura de novos espaços para a música alternativa independente

Kátia: Destaca a efervescência da década de 90. Poder público + Instituições ajudaram a manter a chama acesa. A praça Frei Baraúna estava sempre ocupada. Havia dois projetos importantes do Sesi: Curta Teatro e Curta Dança. Ao vir para o Sesc, antes do novo prédio, entrou no meio de um projeto que o Sesc chamava de ação externa e que foi de suma importância para entender a importância do diálogo com a cidade. O problema das instituições fechadas é não dialogar com a cidade. Não ouvir o que ela tem a dizer. Sorocaba cresceu muito. Em cada parte da cidade há públicos muito diferentes. Uma das coisas mais importantes e mais difíceis de uma cena é abranger a diversidade. As pessoas não vão a espetáculos pois não conhecem. Se conhecessem iriam gostar. A grande mídia não tem interesse em projetos novos e de arte. Quanto ao Sorocabandas, é importante destacar o quanto o público era grande. Hoje temos muita dificuldade para levar a mesma quantidade de público. Isso é um alerta. Temos que promover esse diálogo, temos que ir atrás. As pessoas são interessadas. É a mensagem que não está chegando como deveria.

Pêu: Eu acho que essa questão tem a ver, um pouco, com escassez. Antes não tínhamos tantos eventos como hoje.

João Leopoldo: A sensação que eu tinha é que na década de 90 todos os movimentos estavam interligados. Não era só música. A cidade, hoje, se dividiu muito em diversas áreas. Mas parece haver um esforço em se juntar tudo novamente (o Carne de Segunda é um exemplo). O Terra Rasgada era a união de todas as áreas da arte e era muito eclético. O público era muito atento, prestavam atenção em tudo. Isso acabou se espalhando para as universidades. É muito importante dialogar com as universidades. Sorocaba vive hoje sua melhor fase. Iniciativas como o Carne de Segunda mostraram que não temos que ser tão dependentes das instituições.

Kátia mencionou o video de Benjamin Taubkin: O patrocínio não é a solução. A cultura precisa viver da cultura. Temos que trabalhar para que o mercado da arte / cultura seja autônomo. Mudar a mentalidade do público sobre pagar para ver peças e shows. Precisamos de leis de incentivo enquanto o mercado não conseguir se auto gerir.

Como distribuir o que está sendo produzido? Como a população pode ter acesso ao que está sendo produzido? O Frestas foi uma tentativa de envolver a comunidade local mas não se restringir a ela. É muito importante para a cena estimular a troca. Como estimular público e artistas a serem agentes dessa troca? A cena local é formada pelos artistas locais mas também pela troca com os artistas de fora. O Sesc, as vezes, tem um gargalo de público. Ele traz atrações onerosas que, algumas vezes, não atinge a quantidade ideal de público.

João Leopoldo: O que é formar cena? Para podermos ampliar a cena precisamos cooperar (criar uma cooperativa). Fazer o público perceber os diversos universos e se interessar cada vez mais. Precisamos agrupar, agregar, se tornar uma unidade para crescer. Temos dificuldades de identificar o que somos. Quando não produzimos material que sintetizam o local em que vivemos.

Marcos Boi: Isso pode ser uma vantagem pois podemos inventar o que vamos ser. Sorocabandas, Votobandas, Terra Rasgada, foram momentos em que olhamos para a cidade na tentativa de identificar o que somos e o que devemos fazer. Quando fazemos isso a resposta do público é sempre maior do que a gente espera. Sobre o Guerrilha Gerador e todos esses momentos em que surge algo depois de um momento de escuridão, essas coisas nascem da característica anárquica que é fazer arte. A cena atual nasce de uma necessidade de fazer. O Teatro Off é um exemplo de iniciativa que botou gás novo na galera que já era velho e trouxe novas caras para o movimento. Muito parecido com o que são os coletivos nos dias de hoje. O poder público hoje, diferente da década de 90, é muito mais aberto. A LINC, com todas as suas falhas, tirou muitos projetos da gaveta.

João Leopoldo: Os músicos precisam perceber as outras áreas das artes e vice-versa.

Pêu: Colaboração é inevitável. Precisamos formar público. O que mudou no público que antes ia aos eventos e hoje não vai mais?

Marcos Boi: Por que antes o público lotava um show autoral da Decibérros, numa quarta feira, e hoje isso é muito mais difícil?

Kátia: A arte precisa ter o direito de ser crítica. O sangue jovem impulsiona todo o resto. O Público quer ver paixão. Fortalecer o mercado é fortalecer toda a cadeia produtiva em volta do músico e, com isso, proporcionar as condições necessárias para o músico ser apenas músico. Como atuar nesse cenário sem perder a paixão?

João Leopoldo: Os contratantes pensam primeiro no retorno financeiro

Pêu: O poder público e as instituições como o Sesc são imprescindíveis para artistas que colocam o dedo na ferida.

João Leopoldo: Dica de site: Observatório da Diversidade Cultural Sessão de perguntas do público

Glauber Piva: O processo do Terra Rasgada foi mais importante do que o produto final. Não haviam leis de incentivo. As leis de incentivo, nos dias de hoje, fizeram o produto ser mais importante do que o processo.
Desafio: Rodas de Conversas permanentes

Marcos Boi: Financiar processo é tão importante quanto financiar produto.

Público: Importante pensar na integração. Importante o debate do dia de hoje.

Maurício: Pensamos que a internet iria salvar o músico independente mas não foi bem assim. Esse excesso de informação acaba sendo ruim. Com relação ao público do Sorocabandas que não é o mesmo do de hoje em dia, acho que passa muito pelo excesso de oferta e pela ressaca produzido por esse excesso. As pessoas não vêem mais importância por conta do excesso.

Pêu: Temos que ter mais encontros presenciais. Mais gente ocupando o conselho. Mais gente nossa na câmara, atuando como vereador.

Bruno Orefice: A internet é uma das melhores coisas que já inventaram. É questão de aprender a usar.

Nanaia: Lembrou do evento: De olho no Som.

Público: São Paulo cuida mau da sua memória. Como podemos cuidar da nossa memória de maneira dinâmica?

Ari Holtz. Ao passo que a internet nos distanciou ela democratizou os meios de produção artística. A cultura de massa é a grande inimiga da cena alternativa. Não estamos sendo ouvidos pelo moleque do colegial.

Paula Cavalciuk: Como filtrar os excessos da internet? Não consigo dissociar a vida artística da responsabilidade social.

Kátia: Quem trabalha com arte/cultura tem um potencial enorme de transformação social. Todos temos que ser um pouco guerrilheiros.

Marcos Boi: Temos que chegar nos locais que ninguém chega. Escolas, periferia, presídio

Pêu: A população, que não está aqui hoje, entende signos diferentes dos nossos. Eles entendem outdoor, tv, radio, fama, exposição, palcos grandes, ... A comunicação de massa é um terreno de disputa. Highlights

- Temos que dialogar com as escolas e universidades
- O mercado de arte cultura precisa ser autossuficiente.
- Precisamos de lei de incentivo enquanto o mercado não se auto regula.
- Produzimos muito. Como distribuir melhor?
- Devemos criar uma cooperativa?
- O músico deve ter contato com as outras áreas da arte
- Precisamos formar público.
- Temos que retomar a importância do processo tanto quanto fazemos com o produto.
- Importante pensar na integração.
- A população entende outros signos. A mídia de massa é um terreno de disputa.
- Como usar a internet a nosso favor? Opinião do Conselheiro
- Temos que nos integrar. Possivelmente formar instâncias legítimas de atuação que prevêm encontros da classe artística.
- Posicionamento da classe artística perante a cidade é algo de extrema importância. Temos que mudar a mentalidade da população quanto a importância de apreciar o que é feito aqui. Mudança de posicionamento só se dá quando conversamos dentro das simbologias que o público geral entende. Temos que ter presença constante nas vidas das pessoas.
- Seria legal ter uma associação permanente de orientação aos artistas.

-
- Iniciar um diálogo com escolas e universidades no sentido de executar um plano de longo prazo de influência da arte nos estudantes.
 - Rodas de conversa permanentes para integração das artes é algo a se pensar.
 - A distribuição do que já é produzido é uma questão muito importante.
 - O plano de cultura para a música independente precisa ser no sentido de criar um mercado autosuficiente.